

Ameaçado o acordo interino com bancos

23 DEZ 1987 *Divida Externa* 29 DEZ 1987
MÓISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O acordo interino entre o Brasil e os bancos credores estava novamente em sério perigo de desintegrar-se, no final da tarde de ontem, apesar das negociações dos últimos dias, envolvendo até a mediação do governo norte-americano.

O problema ainda é a deserção de uma casa de investimento do governo do Kuwait, a Kffic, que participaria com US\$ 20 milhões no pacote envolvendo entre 80 e 120 bancos. Sua saída poderia causar a de alguns outros, com participações menores, totalizando um furo calculado em cerca de US\$ 200 milhões.

Um funcionário do governo americano que anunciou, anteontem, que "o acordo interino tinha recobrado a vida", depois de um diagnóstico de "coma profundo", falava ontem em "sérias dificuldades" e numa eventual "recaída". O que lhe dera alguma esperança fora a decisão do Kuwait de voltar à mesa de negociações com alguma contraproposta, a de capitalização dos juros devidos pelo Brasil, depois de gestões diplomáticas feitas pelo Departamento de Estado.

O comitê de assessoramento dos bancos credores, reunido na manhã de ontem em Nova York, recusou a contraproposta kuwaitiana, e o impasse persistia no começo da noite de ontem, com um porta-voz dos banqueiros cancelando uma declaração oficial prometida durante o dia. Os grandes bancos internacionais não aceitam superar o inesperado último problema do pacote brasileiro aumentando as suas participações.

"UM PASSO ATRÁS"

"Demos um passo atrás", lamentou uma fonte envolvida nas negociações, quando soube da contraproposta do Kuwait, após a mediação americana, e de sua rejeição pelo comitê credor. Mas

todas as partes nesta negociação asseguravam na noite de ontem, a O Estado, que "os prazos marcados tornaram-se muito flexíveis". Assim, o desembolso de até US\$ 500 milhões que o Brasil teria de fazer, já transferido duas vezes, começa a ser previsto para o dia 29, ou até 30 de dezembro, se os bancos credores cumprirem sua parte, reunindo os US\$ 3 bilhões.

Os grandes bancos não querem aumentar sua fatia no pacote, deixando o Kuwait de lado, porque sofreram com a queda histórica da Bolsa e tiveram que aumentar muito suas reservas por não receberem os juros devidos pelo Brasil, por causa da moratória. Alguns bancos estão começando a admitir que vários de seus empréstimos são incobráveis, assumindo os prejuízos. E outros estão despedindo milhares de funcionários, para enfrentar a crise, mas o governo do Kuwait teria uma razão extra para desertar do pacote: não recebeu apoio do Brasil quando esteve em dificuldade numa joint-venture com uma empresa brasileira, num negócio que envolveu o BNDES...

O ex-negociador Fernão Bracher, ao partir de Nova York, no sábado passado, alguns dias após o Brasil assinar o pacote, dizia que o governo americano, com uma esquadra no golfo Pérsico, teria o poder de convencer o Kuwait. Mas tudo o que conseguiu foi trazê-lo de volta à mesa de negociações, com uma proposta apresentada em seu nome pelo Arab Bank Corporation, o ABC do Bahrein, que é o coordenador dos bancos do Oriente Médio no Comitê assessor.

"Estamos numa situação difícil, mas não impossível de se resolver", era como uma fonte resumia o momento das negociações, mas sem antecipar como o impasse poderia ser superado. "Vamos até tarde da noite buscando uma solução", concluiu.